

*Nascentes***SOBRE RESISTÊNCIA E OPRESSÃO:
PERSPECTIVAS DIALÓGICAS ENTRE
PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E BACURAU***Vivian de Nazareth Santos Carvalho***Ivânia dos Santos Neves****Marília Fernanda Pereira Leite****

RESUMO: Neste artigo analisamos como as reflexões propostas por Paulo Freire em *Pedagogia do oprimido* (1987) podem ser identificadas no filme de ficção brasileiro *Bacurau*, lançado em 2019, e dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Compreendemos que os personagens de *Bacurau* colocam em prática uma concepção libertadora de educação, tal qual propõe Freire, e estabelecem entre eles uma relação dialógica. Os sujeitos de *Bacurau* são livres, autônomos, e, por meio da reflexão crítica e da ação, matam os opressores, quando eles tentam impor suas práticas coloniais no povoado.

PALAVRAS-CHAVE: Bacurau; Educação libertadora; Paulo Freire; Pedagogia do Oprimido; Teoria da ação dialógica.

Introdução

Em 2021, no ano do centenário de nascimento de Paulo Freire, o Brasil e parte da América Latina enfrentaram novamente o desafio de governos autoritários, sem compromisso com as pautas sociais e ambientais. Assistimos, no último ano, ao retorno de uma parcela considerável da população brasileira à linha da miséria. Neste cenário, ainda que a pandemia pudesse servir de argumento para justificar este retrocesso, o “surpreendente” aumento do Produto Interno Bruto (PIB) no segundo trimestre, divulgado pelo Instituto

* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Pará (Ufpa). Mestre em Ciências da Comunicação pela mesma Instituição.

** Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade Federal do Pará (Ufpa). Realizou estágio pós-doutoral em Linguagens na Universidade Estadual Paulista de Araraquara (Unesp). Vencedora do Prêmio Jabuti 2000 na categoria livro didático. Bolsista de Produtividade do CNPq.

*** Doutoranda em Estudos linguísticos pela Universidade Federal do Pará (Ufpa). Mestra em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professora Assistente da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa).

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstrou que a economia brasileira não retrocedeu. Vimos mais uma vez os ricos ficarem mais ricos e os pobres mais miseráveis. O acirramento das desigualdades produzido pela pandemia é mais um nó numa rede de memória que começou a se tecer pelo menos desde a chegada do colonizador. Esta rede sempre será permeada pelo novo, mas ela é constituída pela longa e dolorosa história de oprimidos e opressores. Por isso, sem dificuldade, os escritos de Paulo Freire continuam bastante atuais. É possível mesmo que enquanto a espécie humana existir, eles continuem fazendo sentido.

No jogo da história, como adverte Michel Foucault (2000), os processos de normalização são os mais duradouros e violentos. Para se desviar dos discursos sacralizados como verdade, é preciso ter olhos muito atentos e livres, para poder perceber como as teias de poder são tecidas. E este caminho, na América Latina, foi percorrido com muita propriedade por Paulo Freire. Foi ele que na república brasileira, desde os anos de 1950 começou a visibilizar sistematicamente “o normal” e a mostrar como podia ser diferente, a partir de práticas de intervenção que começaram a mudar a vida das pessoas. Sua trajetória representa um nó numa rede de memória da resistência, que se constitui com outros possíveis, tanto para o passado, quanto para o futuro.

Suas posições diante das práticas inclusivas sempre foram muito bem demarcadas. Se hoje fosse vivo, estaria completamente envolvido com discussões sobre decolonialidade, subalternidade, estudos culturais. Foi ele, sem dúvida, uma das principais referências destas correntes de pensamento. A oprimida é a colonizada, a subalterna e, em algumas situações, a proletária também.

Em *Pedagogia do oprimido* (1987), Paulo Freire empreende uma discussão sobre como os sujeitos concretos, históricos, podem superar a dominação em que vivem em favor de sua humanização. Da sua vocação “ontológica e histórica de Ser Mais” (FREIRE, 1987, p. 33). O autor revela a importância de se transpor a contradição “opressores-oprimidos”, superação que só pode partir dos oprimidos e de quem verdadeiramente luta ao lado deles. Vencer esta contradição, que é a libertação de todos, traz ao mundo um homem novo, não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se.

Liberdade que irrompe da reflexão crítica e da ação para mudar o sistema, práticas que, de acordo com Freire, nascem do diálogo que provém de uma educação humanizadora. Entretanto, o autor pontua o medo que o ser humano tem de adquirir a liberdade e, em consequência dela, a sua autonomia. “Preferindo a adaptação em que sua não liberdade os mantém” (FREIRE, 1987, p. 22). Isso acontece porque os oprimidos, muitas vezes, introjetam os opressores dentro deles. Eles são o seu testemunho de humanidade, o exemplo a seguir,

os que sabem, os que são chamados de “doutor”, modelos de homens que devem “gerir” a sociedade e que, com sorte e determinação, os oprimidos podem vir a se tornar. Sua busca por liberdade é uma busca inautêntica, já que querem ser homens, mas “para eles, na contradição em que sempre estiveram, e cuja superação não lhes está clara, é ser opressores” (FREIRE, 1987, p. 21).

Sem uma compreensão profunda da sociedade e do mundo onde vivem, os oprimidos tendem a reproduzir o status quo de que também querem os opressores. A educação humanizadora, pensada por Freire, propõe uma reflexão crítica dessa cadeia. A partir dela, os oprimidos compreendem a sua condição histórica de sujeitos colonizados, proletários, não mais assumem atitudes fatalistas e conformistas diante da realidade em que se encontram, e também não buscam ser opressores, e, sim, mulheres e homens se libertando, em busca da sua humanização.

Os ensinamentos de Freire nos convidam a refletir sobre a sociedade em que vivemos, as desigualdades, as hierarquias construídas historicamente entre os seres humanos. A pobreza, a fome, a discriminação racial, entre tantas outras injustiças sofridas pelos sujeitos, são assuntos que pautam as mídias, as salas de aula e as conversas cotidianas, porém nem sempre há uma reflexão crítica sobre o sistema social que gera essas desigualdades e que as sustentam. Hoje, as redes sociais se destacam como espaços de visibilidade - e protesto - dos problemas causados pelo capitalismo ferino em que vivemos. Denúncias sobre racismo, exploração do trabalho, violência de gênero, repressão policial, violação de direitos das sociedades indígenas são questões que frequentemente “viralizam” (o termo é comumente utilizado na web para caracterizar as notícias que se espalham rapidamente) nesses espaços da internet e pautam as notícias em outras mídias, como no jornalismo televisivo e impresso. Assim como as redes sociais, o cinema brasileiro atua, muitas vezes, como um lugar de reflexão profunda sobre o sistema de exploração em que vivemos, possibilitando espaços de propagação da voz dos oprimidos. Os “esfarrapados do mundo”, os “condenados da terra”, como diria Freire, são tematizados de maneira bastante reflexiva em diversos filmes nacionais.

Recentemente, em 2015, a cineasta Anna Muylaert lançou o longa-metragem *Que Horas Ela Volta?* que discute sobre a exploração do trabalho através da protagonista nordestina, a empregada doméstica Val (interpretada pela atriz Regina Casé) e seus patrões paulistanos. A película nos mostra como a classe média e alta do país oprime, por meio das relações de trabalho, tantas mulheres que precisam limpar, arrumar e cuidar dos filhos de outras pessoas para sobreviver. Ao mesmo tempo em que oprimem, os patrões de Val a presenteiam com objetos que eles não querem mais, concedem pequenas folgas e a tratam como se fosse

“quase da família”. É a falsa generosidade do opressor, de que fala Freire. Os personagens patrões de Val representam o opressor que se gratifica pela caridade vazia oferecida à Val. Caridade que, na realidade, apenas contribui para manter o sistema de opressão.

Outro longa-metragem brasileiro em que o oprimido protagoniza nas telas é *Branco Sai, Preto Fica*, dirigido por Adirley Queirós e lançado em 2015. O filme conta a história real de uma repressão policial ocorrida em uma festa de *black music* na periferia de Brasília, em 1986. Policiais armados invadiram o local e escolheram quem iria apanhar. Com a clara intenção de atirar em pessoas negras, os homens gritaram: “branco sai [da festa]. Preto fica”. O filme mistura documentário e ficção para criticar o racismo estrutural que atravessa a história da sociedade brasileira e para mostrar as diferenças de tratamento destinados aos sujeitos, dependendo de sua cor e classe social. Já em *Bacurau*, lançado em 2019, os cineastas Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles contam a história de mulheres e homens que vivem em Bacurau, um povoado localizado em Pernambuco, que não se submetem ao sistema de opressão imposto pelo país, criam suas próprias leis e, metaforicamente, matam os opressores no momento em que eles tentam exercer a sua pretensa “superioridade” na comunidade.

Compreendemos que estes filmes tematizam as relações entre os sujeitos colonizados, subalternos, proletários, e os opressores que, por meio de diferentes práticas, atualizam constantemente o dispositivo colonial (NEVES, 2009). Esses espaços cinematográficos contribuem para a propagação da voz dos oprimidos e, de maneira crítica, atuam pela recuperação de “sua humanidade roubada” (FREIRE, 1987, p. 19).

Contar a história do povo brasileiro no cinema, a partir de uma forte crítica social, é uma prática que se inicia no país nos anos de 1960, com o movimento que ficou conhecido como Cinema Novo. Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Joaquim Pedro de Andrade e Arnaldo Jabor são um dos expoentes desse movimento, que tinha como objetivo falar sobre os marginalizados e oprimidos do país. Pela primeira vez, as telas de cinema tematizavam a vida da maioria da sociedade brasileira.

O Cinema Novo foi o precursor para que filmes nacionais tematizassem as desigualdades sociais e as diferentes opressões que os sujeitos brasileiros sofrem neste sistema desigual em que vivemos. Até hoje colhemos os frutos dos cineastas cinemanovistas e assistimos a películas em que os oprimidos não apenas são os protagonistas como também resistem e abalam o sistema de opressão. É o caso de *Bacurau*.

Este artigo tem o objetivo de analisar como o filme brasileiro *Bacurau* traz para as telas do cinema diferentes reflexões propostas por Freire em *Pedagogia do oprimido*. Compreendemos que esta película subverte a lógica opressora, apresentando personagens que já

conquistaram a sua autonomia, são seres libertos, não introjetam o opressor dentro deles e rompem com o status quo esperado.

Pedagogia do Oprimido: teorizando liberdades

Para Paulo Freire, o sistema fundado entre opressores e oprimidos retira o que é mais importante para o sujeito: a sua humanização. A superação da contradição em que esses homens se encontram somente pode partir dos oprimidos, já que o desejo dos outros, os opressores, é o de manter o status quo.

Esta superação exige a inserção crítica dos sujeitos na realidade. Ao compreenderem que sua situação é fruto de uma conjuntura histórica, e não fatalista, sobrenatural, os oprimidos sentem-se instigados a atuar sobre ela. “Por isto, inserção crítica e ação já são a mesma coisa” (FREIRE, 1987, p. 25). O pensamento crítico, profundo, é diferente de um pensamento ativista, que não conduz a nenhuma transformação da realidade objetiva, pois “dizer que estes homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objective, é uma farsa” (FREIRE, 1987, p. 23).

Analisar a realidade como um fato concreto, objetivo, proporciona aos sujeitos o entendimento da opressão como uma dicotomia histórica e capaz de ser transformada por eles. No Brasil, e demais países da América Latina, opressão e colonialidade do poder estão bastante imbricados. Impossível ignorar a hierarquização histórica entre sujeitos “superiores” e sujeitos “inferiores” sem compreender as colonialidades que nos atravessam.

A colonialidade do poder, conceito proposto por Aníbal Quijano, é mais profunda e duradoura que o colonialismo. “Não se trata de uma ideia relacionada ao passado, mas ao presente – ou ao menos ao passado que se reproduz e se atualiza no presente –, estando emaranhada nas relações sociais do cotidiano” (GUERREIRO; LENNON; CARVALHO, 2019, p. 3). A colonialidade do poder estabelece “classificações” de cunho racial, étnico, sexual, de gênero, classe, trabalho, com o objetivo de justificar relações de dominação.

Neves (2009), com base na definição de colonialidade do poder e da perspectiva de dispositivo foucaultiana, propôs o conceito de Dispositivo Colonial, para compreender os processos de produção de subjetividades das sociedades amazônicas e dos discursos que circulam sobre estes povos. A autora aponta como o dispositivo colonial se atualiza com o passar dos anos com o apoio do Estado. Esta atualização também se dá com base na memória da narrativa construída pelos colonizadores para justificar a exploração, dominação e extermínio humano. Nesta memória, há povos e raças humanas superiores e inferiores, há povos que precisam ser “civilizados”.

Em *Bacurau*, objeto de análise de nosso artigo, há uma cena que revela de maneira bastante significativa o sistema de exploração estabelecido há mais de 500 anos na América Latina. No dia em que vão atacar o povoado, três personagens estrangeiros caminham e conversam com armas na mão. Um deles fala:

Depois do meu divórcio, eu meio que pirei, sabe? Um dia eu cheguei em casa, peguei a minha *Glok* e a *Mac-10*, e toda a munição que eu tinha e coloquei na mochila. Dirigi direto para a casa da minha ex-mulher, e bati na porra da porta. Eu ia atirar nela, quando ela atendeu, entende? Mas ela não atendeu. Ela tinha saído da cidade. Mas eu tinha essa coisa que precisava tirar do peito. Então, eu dirigi até o shopping, duas vezes. Aí eu dirigi até o *Bay Breeze Park*. Mas eu nunca conseguia, sabe? Algo me dizia que eu não deveria (neste momento, o personagem aponta para o céu, referindo-se à Deus, que estaria “olhando por ele”). E agora Deus me deu a oportunidade de lidar com essa dor por aqui. (BACURAU, 2019)

Ao ouvirem o relato do colega de massacre, os dois outros estrangeiros ficam assustados com a possibilidade de o rapaz atirar na ex-esposa, ou metralhar pessoas em um shopping. Um personagem responde: “Isso é doentio, Terry” (BACURAU, 2019). E a outra moça completa: “Cara, pega leve” (BACURAU, 2019). Esta conversa revela o discurso de desumanização que europeus e norte-americanos imputam aos povos colonizados do Terceiro Mundo. Matar pessoas nos Estados Unidos seria, na concepção dos três, doentio, algo extremamente pesado de se fazer. Porém, atirar em um povo latino, do sertão brasileiro, seria bastante diferente, uma prática normal. Para Neves (2009), o dispositivo colonial, que atualiza a hierarquização da humanidade entre povos “superiores” e “inferiores”, é o que permite esta naturalização da exploração, em todas as esferas da vida, dos sujeitos colonizados. São os europeus e norte-americanos os que decidem quem deve viver e quem deve morrer. Mas, o povo de Bacurau não aceita esta lógica e, a partir da reflexão e da ação, subverte o comportamento passivo esperado pelo opressor.

Para Freire, a profunda conscientização dos homens somente é alcançada a partir de uma práxis verdadeira, em que eles superem o estado de “objetos” e assumam o de “sujeitos” da história. Mudança que é proporcionada por uma educação libertadora e problematizadora, que se fundamenta na dialogicidade.

Nas primeiras páginas de *Pedagogia do oprimido*, Freire (1987) relata que o medo da liberdade é um dos aspectos que se destaca nos cursos de capacitação por ele ministrados. O temor de se libertar da opressão, de acordo com o autor, faz os homens imaginarem um ambiente de caos que não existe. Temem a liberdade porque manter o status quo transmite a sensação de segurança, de que tudo está no seu devido lugar. “No fundo, o que teme a liberdade se refugia na segurança vital, como diria Hegel, preferindo-a à liberdade arriscada” (FREIRE, 1987, p. 16).

Sobre esta questão, Sargentini (2020) defende que para o sujeito “é muito pesado ser livre” (informação verbal)¹. Não ter a quem seguir ou obedecer. O peso que a liberdade traz aos homens é um dos fatores que explicaria, de acordo com a autora, o porquê, no cenário atual do país, há a luta de diferentes camadas sociais pela volta da ditadura. “Intervenção militar já”, dizem as faixas empunhadas por manifestantes em passeatas a favor do presidente Jair Bolsonaro. De acordo com Sargentini (2020), os sujeitos entendem que “é mais fácil ter alguém para seguir. É melhor ter alguém que comande, que não seja ele mesmo” (informação verbal)².

Compreendemos que tanto Sargentini quanto Freire relacionam o medo da liberdade com a falsa sensação de segurança. De obediência. O sujeito obediente, explica a autora, considera a hierarquia como um fator natural e, assim, mantém-se na menoridade. É a partir dessa posição, completa Sargentini, que surgem expressões fatalistas como “Deus quis assim” (informação verbal)³, “sempre foi assim” (informação verbal)⁴. Somente uma educação libertadora, em que os homens dialogam profundamente, pode reverter este sentimento conformista ou opressor e resultar em uma inserção crítica na realidade.

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. A reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homem, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa. (FREIRE, 1987, p. 45)

A educação libertadora, que parte exatamente da historicidade dos homens, difere-se do que Freire denomina de concepção bancária da educação. Na prática bancária, educador e educando estão em um desnivelamento hierárquico. O primeiro é detentor de todo o conhecimento e cabe ao segundo recebê-lo passivamente. Na educação bancária o educador “aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é ‘encher’ os educandos dos conteúdos de sua narração” (FREIRE, 1987, p. 37). Neste modelo o que vale é a repetição, a memorização de palavras “ocas”, em uma “verbosidade alienada e alienante” (FREIRE, 1987, p. 37). A palavra deixa de cumprir o seu real papel: a força

¹ Palestra proferida por Vanice Sargentini no VII Seminário de Pesquisa Gedai/Geada/Leduni, evento online, ocorrido em julho de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9Ovf9D3z4Ok>>, acesso em 14 de fev. de 2022.

² Ibidem.

³ Ibidem.

⁴ Ibidem.

transformadora que possibilita a reflexão crítica e a ação, práticas essenciais para a humanização dos homens.

Compreendemos que as práticas bancárias de educação são, hoje, defendidas pelos atuais governantes políticos do país. Os enunciados proferidos pelo ex-ministro da Educação do Brasil, Abraham Weintraub, revelam o temor que os opressores têm da educação como prática de liberdade. Em diversas entrevistas que concedeu para veículos de comunicação e, principalmente, em sua conta pessoal no Twitter, Weintraub dizia discordar dos ensinamentos de Freire. Entretanto, nunca houve em suas falas nenhum embasamento científico que explicasse o porquê de o ministro não concordar com o autor. Seus “argumentos” se resumiam nas seguintes frases: “ele é muito feio”, “suas falas são super confusas”, “Paulo Freire e kit gay não têm vez no Mec”.

Figura 1 - Ex-ministro da educação crítica Paulo Freire



Fonte: <https://istoe.com.br/paulo-freire-e-kit-gay-nao-tem-vez-diz-weintraub-ao-apresentar-material-didatico/>

Não há, nos enunciados proferidos por Weintraub, alguma crítica acadêmica às teorias de Freire. O que o então ministro da Educação deseja - assim como os outros governantes de extrema direita que estão no poder executivo do país - é que não haja uma posição reflexiva dos sujeitos diante do sistema capitalista que os oprime. É partindo desse pensamento, que surgem tentativas de implantar uma escola “sem partido”. Um ambiente de ensino com uma suposta “neutralidade” no processo de aprendizagem. Refletir criticamente sobre gênero, racismo, homofobia, sistema de classes, machismo, entre outros temas que podem transformar a sociedade, seriam, na concepção desses governantes, práticas “doutrinárias”.

O que os entusiastas da “Escola Sem Partido” querem, na realidade, é a não conscientização dos educandos. A não reflexão crítica da realidade em que eles estão inseridos. Como explica Freire (1987, p. 39) “não interessa a esta visão ‘bancária’ propor aos educandos o desvelamento do mundo, mas, pelo contrário, pergunta-lhes se Adão deu o dedo ao Urubu,

para depois dizer-lhes enfaticamente, que não, que Adão deu o dedo a Arara”. Nesta concepção, portanto, “não pode haver conhecimento, pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador” (FREIRE, 1987, p. 45).

Diferente da prática bancária, a educação problematizadora proporciona a inserção crítica dos sujeitos na realidade. Propor uma reflexão profunda sobre o mundo em que vivemos é uma práxis que pode ser observada no cinema. Principalmente, em filmes que denunciam o sistema de opressão instituído, historicamente, em nossa sociedade. A obra *Bacurau* (2019), empiria de nossas análises, promove a “emersão das consciências” de que fala Freire (1987), ao trazer para as telas uma reflexão sobre os processos de exploração da América Latina por parte de sujeitos estrangeiros, sobre a sociedade opressora que visa a eterna reprodução do sistema “opressor-oprimido” e sobre a importância da consciência crítica e da união dos oprimidos para reverter esse sistema.

Bacurau e a Pedagogia do oprimido

Kleber Mendonça Filho assina, ao lado de Juliano Dornelles, a direção de *Bacurau*. Lançado em 2019, este longa-metragem conta a história de uma comunidade localizada no sertão brasileiro, chamada Bacurau. Um povo bastante unido que decide junto os rumos da comunidade e não conta com a ajuda da polícia ou do prefeito da região. Bacurau não consta no mapa do Brasil e, por isso, norte-americanos que participam de um jogo internacional de “caça humana” - cujo objetivo é matar moradores de países colonizados - escolhem este povoado “esquecido” para ser o próximo alvo do tiroteio. O povo de Bacurau, ao perceber que algo estranho está acontecendo na região e que eles serão atacados, cria coletivamente um plano de defesa.

O longa-metragem foi gravado na comunidade Barra do município de Parelhas no Rio Grande do Norte, no entanto, a informação local e temporal que aparece no início do filme é a seguinte: “Oeste de Pernambuco. Daqui a alguns anos”. Em nossa análise, relacionamos a trama dirigida por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles com o livro *Pedagogia do oprimido* do pernambucano Paulo Freire, patrono da educação brasileira.

Paulo Freire (1987) nos alertou sobre o sadismo do opressor. Esta geração é testemunha da maior crise sanitária terrestre dos últimos séculos provocada pelo Sars-Cov-2. A visão necrófila de mundo do opressor é a imagem que assistimos atônitos e em luto incessante pelas vítimas da Covid-19. A política do atual governo brasileiro nos mostrou que o amor à morte e à destruição da vida não é uma metáfora. O opressor é sádico, sente prazer em causar dor física e mental: “o sadismo aparece, assim, como uma das características da consciência

opressora, na sua visão necrófila do mundo. Por isto é que o seu amor é um amor às avessas – um amor à morte e não à vida” (FREIRE, 1987, p. 64).

O tempo cronológico de Bacurau não é o tempo presente, mas o “futuro próximo”. Compreendemos o tempo como um convite à revolução popular que, na trama, fica evidente na segunda metade do enredo, quando os oprimidos de Bacurau, que há tempos empreendem uma reflexão crítica da sua realidade, agem matando o sistema de opressão. No capítulo I, tópico *A contradição opressores-oprimidos. Sua superação*, Freire (1987, p. 20) aponta que o maior problema no processo de construção da pedagogia do oprimido “está em como poderão os oprimidos, que ‘hospedam’ o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação”.

A comunidade Bacurau não é hospedeira do opressor. Nesta sociedade, as pessoas vivem em coletivo, resolvidas com sua sexualidade, religiosidade e construção familiar. A comunidade criou o seu próprio sistema de comunicação e enfrenta a crise da água de forma criativa e com companheirismo. A união do povo de Bacurau fica evidente nas reuniões que os moradores realizam para decidir, juntos, os rumos cotidianos do local. Cada morador opina sobre os problemas, as melhorias, os destinos de livros, remédios, mantimentos, e sua palavra é ouvida por todos. Tal qual defende Freire, os oprimidos de Bacurau creem um nos outros e seguem, juntos, o caminho da sua libertação.

Em *Pedagogia do oprimido*, Freire também nos chama atenção para a “falsa generosidade” do opressor, que se gratifica pela caridade vazia que doa aos oprimidos. Os opressores falsamente generosos, aponta o autor,

têm necessidade, para que a sua ‘generosidade’ continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A ‘ordem’ social injusta é a fonte geradora, permanente, desta ‘generosidade’ que se nutre da morte, do desalento e da miséria. (FREIRE, 1987, p. 20)

A falsa generosidade do opressor, em Bacurau, é materializada por Toni Junior (Thardelly Lima), prefeito da cidade em que a comunidade está inserida. Há uma cena que evidencia bastante essa caridade mentirosa. O prefeito chega à Bacurau trazendo um caminhão cheio de livros, caixões, remédios e comidas. Ao entrar no povoado, a comunicação no grupo de celular dos moradores avisa: “o prefeito Toni Júnior está chegando”. Rapidamente, todos os moradores de Bacurau se trancam em suas casas, contrariando a expectativa do governante de ser bem recebido pelo povo. Os personagens de Bacurau sabem que Toni Junior é um opressor. Não querem essa falsa caridade, o xingam, mandam ele embora e, na tradicional reunião que fazem entre eles, riem ao anunciarem que o prefeito “doou” mantimentos para a comunidade.

Os muitos livros “presenteados” por Toni Junior demonstram que não há nenhuma seleção literária para entregar os materiais que a escola e biblioteca realmente precisam. A comida doada está, em sua maioria, fora da validade, assim como os remédios. Na mesma cena em que o prefeito chega à Bacurau há, entre os xingamentos e mensagens para ele ir embora, uma voz que se destaca. Um personagem, que também está escondido em sua casa, grita para Toni Junior: “respeite o seu avô”. Concluímos com isto, que Toni Junior pertence de alguma maneira a Bacurau, ou já foi morador ou teve/tem familiares que moram no local. Toni, portanto, era um oprimido que não expulsou o opressor de dentro dele. Para ele, “ser é parecer e parecer é parecer com o opressor” (FREIRE, 1987, p. 20).

Os moradores de Bacurau destoam de Toni Junior, pois não “hospedam” o opressor dentro de si. Riem de sua falsa generosidade, não querem parecer com ele e, no final, o matam. Além do prefeito, o filme apresenta outros dois personagens que “introjetam” o opressor dentro deles. São, como explica Freire, os oprimidos da classe média cujo anseio é “serem iguais ao ‘homem ilustre’ da chamada classe superior” (FREIRE, 1987, p. 32). Trata-se dos personagens brasileiros que planejaram o massacre à Bacurau junto com os norte-americanos.

O casal, interpretado pelos atores Karine Teles e Antônio Saboia, indicou a comunidade para o tiroteio dos estrangeiros e foi o responsável em executar uma parte do plano que consistia em visitar Bacurau antecipadamente, para implantar um aparelho tecnológico que bloqueava o sinal dos celulares e cortava a eletricidade da região.

Após realizar esta parte do plano, os dois personagens, que moram no sul do Brasil, reúnem-se com os estrangeiros para combinar as demais instruções para o dia do ataque. Ao serem indagados por um dos norte-americanos se os dois homens que eles mataram nessa visita a Bacurau eram seus amigos, o personagem interpretado por Antônio Saboia responde: “não, a gente não é dessa região”, e completa: “a gente é do Sul do Brasil. Uma região muito rica, com colônias alemãs e italianas. Somos mais como vocês”.

Figura 2 - recorte de cenas em que casal brasileiro diz que se parece mais com os estrangeiros



Fonte: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2020/12/01/exibicao-de-bacurau-na-globo-faz-cenas-classicas-da-distopia-viralizar-nas-redes/>

Esta sequência de cenas é uma crítica bastante contundente aos brasileiros que acreditam ser descendentes de europeus e, por isso, “superiores” aos seus conterrâneos. São os que querem se parecer com o opressor, os que creem ser “herdeiros” de um “poder” colonial que lhes daria direito de oprimir novos sujeitos. Ao final da cena, o casal é morto pelos estrangeiros que os veem da mesma maneira que veem o povo de Bacurau: como corpos colonizados, que seriam “inferiores” a eles.

Os pressupostos da concepção problematizadora e libertadora da educação em *Bacurau*

No velório de Dona Carmelita (Lia de Itamaracá) fica evidente na fala do professor Plínio (Wilson Rabelo) que é a coletividade presente também nos membros egressos de Bacurau que garante à comunidade o acesso a bons livros, vacinas, aparelhos tecnológicos para a escola, roupas e comida. Trata-se do resultado do processo educativo conduzido pelo educador que visa a humanização dos educandos apontada por Freire. Na “Escola Municipal Professor João Carpinteiro”, os alunos não usam uniforme. Na cena em que se destaca o mural de avisos da escola há informações sobre o horário das aulas, as atividades complementares, a apresentação de música e há, também, uma homenagem aos últimos aprovados

no vestibular. O ônibus escolar que fica parado em frente à escola é usado como horta pelos alunos e funcionários do lugar.

A cena que antecede a descoberta da retirada de Bacurau do mapa aponta que a escola, naquele momento, estava realizando a “Semana Vinícius de Moraes”, o que demonstra que este é um espaço de desenvolvimento humano completo e, portanto, as artes estão presentes.

Interessante notar que a escola e o “Museu Histórico de Bacurau” servem de principais esconderijos dos moradores no momento em que eles estão sendo atacados pelos estrangeiros. Os locais funcionam como emboscadas para os opressores, pois é de lá que o povo de Bacurau mata a maioria dos assassinos. Neste sentido, a escola, e também o museu do povoado, podem ser compreendidos como lugares de resistência ao sistema de opressão e, também, os espaços que são capazes de matá-lo.

A libertação autêntica (FREIRE, 1987), promovida pelo ensino que não é bancário, que não visa depositar informações sem reflexão na cabeça dos educandos, mas que, ao contrário, os prepara para a ação e reflexão, pode ser observada na metodologia utilizada nas aulas do professor Plínio. Há uma cena em que Plínio e seus alunos procuram em um tablet a localização de Bacurau no mapa. Ao não encontrar o povoado, o professor diz sem compreender: “Bacurau sempre teve no mapa, Bacurau aqui neste mapa aparece”, e puxa um desenho feito à lápis da localização de Bacurau no mapa.

Figuras 3, 4 e 5 - Professor Plínio procura Bacurau no mapa e, em seguida, mostra o desenho de Bacurau



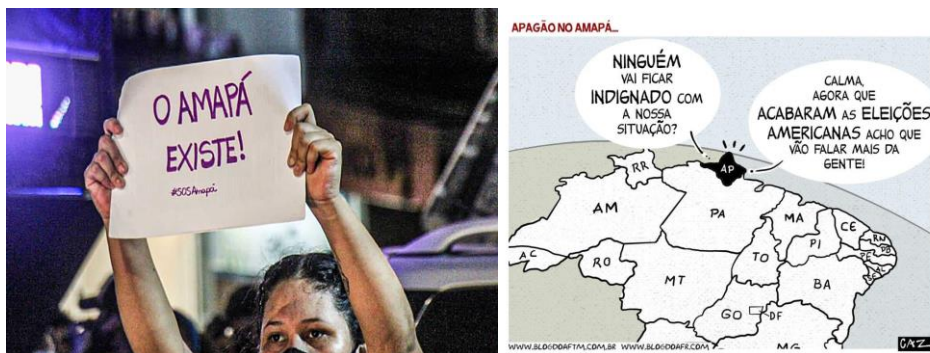
Fonte: Frames do filme *Bacurau*

Estas cenas evidenciam uma crítica bastante contundente à colonialidade. Bacurau não consta no mapa do país. Para os outros, ele é um povoado “esquecido”, de menor importância em relação às outras regiões do Brasil, como o Sul e Sudeste. O desprezo dos personagens sulistas em relação ao povo de Bacurau fica evidente quando eles chegam para conhecer a comunidade que pretendem dizimar.

O casal foi o responsável por promover o apagão na cidade, para que os estrangeiros atacassem. Eles sabiam que nenhum governante do Brasil iria ajudá-los, afinal, Bacurau não é um povoado importante para estar no “mapa” do país. Os discursos que separam o Norte e Nordeste do Sul e Sudeste do Brasil são atravessados pela colonialidade do poder. Telenovelas, filmes, programas jornalísticos mostram, historicamente, as regiões Norte e Nordeste como locais bastante distantes e subdesenvolvidos, como se estivessem “descolados” do restante do Brasil.

Assim como ninguém de fora do povoado de Bacurau se importou por terem cortado a luz daquela região, o apagão ocorrido em novembro de 2020, em treze das dezesseis cidades do Amapá, incluindo a capital Macapá, demorou 22 dias para ser solucionado. O pouco destaque concedido pela mídia televisiva e pelas outras regiões do país ao apagão do Amapá, bem como a demora para os governantes resolverem o problema, gerou protestos nas redes sociais, a maioria vindos de moradores do Norte do Brasil, chamando a atenção, em tom de ironia, de que o Amapá constava no mapa e deveria ser tratado com o mesmo grau de importância que as demais regiões do país.

Figura 6 e 7 - protestos em redes sociais sobre o apagão no Amapá



Fontes: Figura 6: <https://twitter.com/PTnaCamara/status/1330504524650467334?s=08>

Figura 7: <https://blogdoaftm.com.br/charge-apagao-no-amapa/>

Os moradores de Bacurau compreendem que não podem contar com o sistema capitalista do Brasil que visa manter os oprimidos em permanente estado de opressão e sabem que só podem obter ajuda deles mesmos. Razão pela qual Plínio insere de seu punho Bacurau

no mapa do país. Que o povoado luta unido para reverter o apagão e que, juntos, riem do esnobismo dos motoqueiros opressores que se acham superiores a eles.

Segundo Freire (1987, p. 93) “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma *coisa* que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Os ensinamentos da aula do professor Plínio partem do questionamento dos educandos com base na realidade da comunidade. A cena em que os alunos procuram Bacurau no mapa ocorre fora dos muros da escola, o que demonstra que educador e educandos aprendem através da exploração do espaço concreto em que vivem.

A teoria da ação dialógica e suas características em Bacurau: a co-laboração, a união, a organização e a síntese cultural

Darlene (Danny Barbosa), uma mulher trans que mora na entrada de Bacurau, possui papel essencial dentro do sistema de comunicação do povoado. É ela quem avisa, por meio de mensagens de grupo no celular, que o prefeito e depois os motoqueiros forasteiros estão a caminho.

É essa *união* da comunidade que garante que eles não sejam surpreendidos por visitantes indesejados e que criem estratégias de comunicação, informação e organização próprias. Na cena em que eles se reúnem para decidir o que fazer com os mantimentos “doados” pelo prefeito, fica bastante evidente a união dos moradores de Bacurau. É na área em frente à igreja que a comunidade se reúne após a triagem dos alimentos e remédios entregues por Toni Junior. O professor Plínio avisa que o prefeito deixou cerca de mil livros e que eles precisarão fazer a seleção dos que servirão e diz “a gente escolhe isso juntos” (BACURAU, 2019). E, em seguida, completa: “Cada um pode vir aqui pegar o mantimento que precisar. Vamos usar a consciência” (BACURAU, 2019).

Conforme Freire, educar é proporcionar consciência crítica. A educação não é para dizer o que as pessoas devem fazer, a educação é para proporcionar a liberdade de escolha das pessoas sobre o que fazer. Em Bacurau, a comunidade é estimulada a agir de maneira consciente após as informações compartilhadas. A educação que não estimula a consciência crítica só serve ao opressor.

Lunga: a liderança revolucionária que organiza as massas

O personagem Lunga (Silvero Pereira) nos ajuda a visualizar dentro da trama a *Teoria da Ação Dialógica* de Paulo Freire. Lunga representa uma liderança revolucionária

comprometida em resolver os problemas da comunidade. Para Freire (1987, p. 228), “a liderança revolucionária, comprometida com as massas oprimidas, tem um compromisso com a liberdade (...) não pode pretender conquistá-las, mas conseguir sua adesão para a libertação”. Lunga, que estava escondido por ser procurado pela polícia após matar três homens na luta por acesso à água para Bacurau, foi recepcionado como herói, com aplausos e alegria no seu retorno para o povoado, pois “o que defende a teoria dialógica da ação é que a denúncia do ‘regime que segrega esta injustiça e engendra esta miséria’ seja feita *com* as suas vítimas a fim de buscar a libertação dos homens em co-laboração com eles” (FREIRE, 1987, p. 234).

De acordo com Freire (1987, p. 239), “para que os oprimidos se unam entre si, é preciso que cortem o cordão umbilical, de caráter mágico e mítico, através do qual se encontram ligados ao mundo da opressão”. Em Bacurau, o compromisso da comunidade é entre si, não há compromisso com os opressores, o “cordão umbilical” com o Estado opressor não existe. Esse fator é preponderante para garantir, literalmente, a sobrevivência da comunidade.

Em *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire aponta que a reação dos oprimidos não pode ser compreendida como violência. A reação do oprimido é sempre resistência para a sobrevivência, e em Bacurau a violência do opressor sofre revide.

Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência? Como poderiam ser os promotores de algo que, ao instaurar-se objetivamente, os constitui? Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão. Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como *outro*. Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas *se* amam. Os que inauguram o terror não são os débeis, que a ele são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os ‘demitidos da vida’, os esfarrapados do mundo. (FREIRE, 1987, p. 58)

Para o estrangeiro assassino Michael (Udo Kier), violência e horror foi a reação da comunidade de Bacurau à violência orquestrada com o apoio do prefeito da cidade de Serra Verde, Tony Junior. Nos últimos minutos do filme, compreendemos que o prefeito também foi um dos organizadores do plano da “caça humana” em Bacurau e que a sua primeira visita tinha como real objetivo recolher os dados eleitorais da comunidade “caso não conseguissem ir à cidade votar” nas eleições que se aproximavam. Ao ver o prefeito partindo amarrado no burrinho e encapuzado, após ter sido capturado pelo povo de Bacurau, Michael exclama: “So much violence!” (Tanta violência!).

Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua ‘generosidade’, são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamam de oprimidos, mas, conforme se situem, interna ou externamente, de ‘essa gente ou de ‘essa

massa cega e invejosa', ou de 'selvagens', ou de 'nativos', ou de 'subversivos', são sempre os oprimidos os que desamam. São sempre eles os 'violentos', os 'bárbaros', os 'malvados', os 'ferozes', quando reagem à violência dos opressores. (FREIRE, 1987, p. 59)

Em *Bacurau*, a morte do opressor é a materialização da práxis dos oprimidos, o resultado da reflexão crítica e ação da comunidade. Compreendemos a morte do opressor como parte do processo de restauração da humanidade dos oprimidos, da humanidade do povo de Bacurau, coisificados e caçados com o apoio estatal.

Conclusão

No ensaio *Necropolítica* (2018), Achille Mbembe aponta o poder e a capacidade de decidir quem vive e morre como a expressão máxima da soberania. Ser soberano, nesse sentido, é fazer do controle de vida e morte dos sujeitos um símbolo de poder. Paulo Freire adjetiva a opressão como necrófila, o opressor tem satisfação com a morte, não com a vida. Em Bacurau, a ocupação colonial não conseguiu impor seus poderes, a política de controle de vida e morte do opressor foi derrotada pelas mãos dos oprimidos, os esfarrapados do mundo.

Paulo Freire dedica o livro *Pedagogia do oprimido* aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem. Afinal, quem são os esfarrapados do mundo? Os esfarrapados são as vítimas da opressão do Estado operada pelo capitalismo dentro do Dispositivo Colonial (NEVES, 2015). *Pedagogia do oprimido* é, portanto, a teoria de ação dos esfarrapados do mundo.

Neste artigo, buscamos relacionar a teoria da ação dos oprimidos com o filme *Bacurau* (2019). Nesta relação ilustramos: a importância da *Concepção problematizadora e libertadora da educação* enquanto projeto político educacional, ao analisar as práticas educativas da escola e do professor Plínio, e a *teoria da ação dialógica e suas características* ao analisar a reação do povo de Bacurau contra a ocupação colonial.

É o sistema capitalista que produz esfarrapados. São os esfarrapados, os trabalhadores, os que não possuem os meios de produção e capital, que sustentam com suas forças de trabalho o sistema que os desumaniza. É contra a desumanização dos esfarrapados do mundo que a *Pedagogia do oprimido* se fundamenta.

Somente quando a educação visa a formação da consciência crítica dos educandos sua prática é libertadora. A ocupação colonial não teve êxito em Bacurau porque os sujeitos não são reféns do opressor. Em Bacurau o Dispositivo Colonial não conseguiu moldar a escola, as famílias, as relações e a organização social, porque as mulheres e homens dessa comunidade são formados com base em uma prática libertadora de educação.

**ON RESISTANCE AND OPPRESSION:
DIALOGICAL PERSPECTIVES BETWEEN
PEDAGOGY OF THE OPPRESSED AND BACURAU**

ABSTRACT: In this article we analyze how the reflections proposed by Paulo Freire in “Pedagogy of the Oppressed” (1987) can be identified in the Brazilian fiction film “Bacurau”, released in 2019, and directed by Kleber Mendonça Filho and Juliano Dornelles. We understand that Bacurau's characters put into practice a liberating conception of education, as proposed by Freire, and establish a dialogic relationship between them. The characters of Bacurau are free, autonomous, and through critical reflection and action, they kill the oppressors when they try to impose their colonial practices on the village.

KEYWORDS: Bacurau; Liberating education; Paulo Freire; Pedagogy of the Oppressed; Theory of dialogic action.

REFERÊNCIAS

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles, 2h 10min. Filme Drama. Brasil, 2019.

BRANCO Sai. Preto Fica. Direção: Adirley Queirós, 1h 33min. Filme Drama. Brasil, 2015.

BONIN, Robson. Weintraub, a sofisticação de ideias no MEC: ‘Paulo Freire é muito feio’. *Veja*. 21 de mai. de 2020. Seção Radar. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/radar/weintraub-a-sofisticacao-de-ideias-no-mec-paulo-freire-e-muito-feio/>>. Acesso em 15 de jun. de 2021.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975 - 1976)*. SP: Ed. Martins Fontes, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUERREIRO, Guilherme; LENNON, Raíssa; CARVALHO, Vívian. As Mortes de Senhorita Andreza: modos de acionamento das colonialidades. In: *Revista Aturá - Revista Pan-Amazônica De Comunicação*, 4(1), p. 37-57, 2019.

MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

NEVES, Ivânia. *A invenção do índio e as narrativas orais tupi*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

_____. *Patrimônio Cultural Tembé-Tenetebara: terra indígena alto rio Guamá*. Belém: Iphan-PA, 2015.

“Paulo Freire e kit gay não têm vez”, diz Weintraub ao apresentar material didático. *Istoé*. 05 de jun. de 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/paulo-freire-e-kit-gay-nao-tem-vez-diz-weintraub-ao-apresentar-material-didatico/>>. Acesso em 15 de jun. de 2021.

QUE horas ela volta?. Direção: Anna Muylaerte, 1h 52min. Filme Drama. Brasil, 2015.

SARGENTINI, Vanice. Ditadura Nunca Mais! *GedaiCast Ep. 05*. [jun. 2020]. Registro Audiovisual. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9Ovf9D3z4Ok&t=1221s>>. Acesso em 15 de jun. de 2021.

Recebido em: 15/02/2022.

Aprovado em: 14/07/2022.

